

saúde!: aula-teatro (sinopse)

Esta é a décima primeira aula-teatro do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP), a terceira vinculada ao projeto temático *Ecopolítica: governamentalidades planetária e resistências na sociedade de controle*.

O tema “saúde” foi definido em novembro de 2011. Em fevereiro do ano seguinte foi apresentado o material de pesquisa coletado pelos integrantes do Nu-Sol, seguido de discussões. Na primeira rodada houve a seleção de material e a definição dos redatores : Gustavo Ramus (Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP) e Luíza Uehara (Bacharel em Ciências Sociais pela PUC-SP). A primeira versão da aula-teatro foi apresentada no final de fevereiro e discutida com os pesquisadores. Durante 15 dias trabalhamos com as considerações para a escrita do texto para os primeiros ensaios.¹

A coordenação e ambientação da aula-teatro *saúde!* foi realizada por Edson Passetti, e foram convidados: Márcia Lazzari (canto²); Joana Egypto (dança e percussão); Talita Vinagre (dança) e Vitor Osório (sonofonia).

O texto foi estruturado em quatro partes. A primeira tratou de saúde e filosofia. Na antiguidade grega não havia distinção entre filosofia e medicina. O saber estava relacionado com o cuidado consigo e com os outros. A filosofia incluía o cuidado com o *espírito* e com o *corpo* e encontrava, em algumas escolas

¹ No decorrer dos ensaios e da ambientação no Tucarena (PUC-SP) houve alterações no texto como cortes, acréscimos e adaptações, chegando assim ao texto final publicado na revista **verve 22**.

² As músicas cantadas foram “O cessate di piagarmi” - Alessandro Scarlatti; “Ah! Mio Cor!” - Georg Friedrich Händel; “Fairest Isle” - Henry Purcell; Canto de Nanã - Dorival Caymmi; Gema - Caetano Veloso.

filosóficas, o desprezo pela morte. Em contrapartida, o cristianismo, ao se apropriar de algumas práticas helênicas, desenvolveu a noção de *apatheia*, um estado de obediência plena, de mortificação.

A segunda parte apresenta a medicina enquanto estratégia biopolítica acoplada a um processo de urbanização, gestão e regulações da vida dos indivíduos. Trata-se de um investimento de majoração da vida, que traz como resultado o controle das populações, dos espaços de circulação e habitação.

Dando continuidade à segunda parte, a terceira apresenta a introdução da saúde no mercado, demonstrando seu potencial como indústria, incluindo-se em um jogo de saber-poder, apropriação de saberes insurrecionais e estimulando a medicalização com relevância econômica. Nesta parte da aula-teatro, também se trabalhou com as disseminações de doenças que causaram pânico na população no pós- Segunda Guerra como a poliomielite e a AIDS.

Na quarta parte foi apresentada a luta política dos anarquistas pela vida na sociedade disciplinar. Se a sociedade disciplinar tinha como seu alvo o corpo útil e dócil, os anarquistas no final do século XIX e início do XX inventaram práticas de resistências ao exercício deste poder por meio de cuidados com a saúde. Estavam interessados no que faz das nossas existências algo raro. Não desconheciam os riscos de suas lutas, interessavam-se pela saúde enquanto resistências e invenção de costumes livres.

A aula-teatro *saúde!* foi apresentada nos dias 21 e 22 de maio e reapresentada em 8 e 9 de outubro de 2012 durante o Colóquio *Transformações da Biopolítica*.³

³ Além das mesas e da aula-teatro também compunham a programação do Colóquio *Transformações da Biopolítica* a apresentação do documentário *Ecopolítica-ecologia* e o lançamento do documentário *Ecopolítica-segurança*.

Prólogo

As portas do teatro se abrem. No palco, um pano branco revelando alguns pares de pernas e uma cabeça com expressões inidentificáveis, uma figura monstruosa. Inicia-se com o despertar de Gregor Samsa em *A metamorfose* de Kafka.

No canto oposto da arena, diante da figura monstruosa, apresenta-se “Amizade Libertária” do anarquista Émile Armand. Esta não interessa aos mornos, aqueles que querem se adaptar ou os que se acomodam diante de uma condição. “Só me entrego muito raramente, mas não sei me entregar pela metade, nem a 90%, nem a 99% (...). Considero falta de confiança no amigo ser reticente ou esconder o que pensamos em nos doar. No que me diz respeito, agir assim seria me diminuir a meus próprios olhos. Não gosto daqueles que olham para trás depois de ter decidido algo. Talvez isto não esteja na ‘moda’, mas pouco me importa a moda. Do ponto de vista ético tenho horror aos mornos. (...) Eu me entrego e não me retomo, a não ser que perceba que coloquei minha confiança em alguém que não valia a pena. E isso só acontece quando minha confiança foi, incontestavelmente, traída. Talvez nada disso seja realista, mas gosto mais de mim desse jeito.”⁴

Parte I

Cena 1: Vontade de vida

Encontramos na antiguidade clássica, em várias escolas filosóficas, a atenção com o cuidado de si. Filosofar também era cuidar da alma e do corpo. Não raras vezes, encontramos a metáfora da navegação para a condução da

⁴ Émile Armand. “Amizade libertária” in *Verve*. Tradução de Edson Passetti e Martha Gambini. São Paulo, Nu-Sol, nº 17, 2010, pp. 11-13.

vida e das cidades. “Quem não pode comandar a si mesmo, deve obedecer. (...) quem obedece não escuta a si mesmo!”⁵

A medicina não estava dissociada das práticas filosóficas que se voltavam para a melhor forma de condução da vida. Com os estoicos encontramos o desprezo pela morte: “Ele deseja os piores suplícios, os mais penosos sofrimentos, deseja ardentemente que se prolonguem, que continuem. O que pode ganhar com isso? Viver um pouco mais? Mas que tipo de vida é essa morte lenta?”⁶

“Mas através dessa forma, antes de mais nada política e jurídica, a relação consigo é também definida como uma relação concreta que permite gozar de si como que de uma coisa que ao mesmo tempo se mantém em posse e sob as vistas. Se converter-se a si é afastar-se das preocupações com o exterior, dos cuidados com a ambição, do temor diante do futuro, pode-se, então, voltar-se ao próprio passado, compilá-lo, passá-lo em revista e estabelecer com ele uma relação que nada perturbará.”⁷

Cena 2: Esgotado

Não temer a morte e não desejar qualquer prescrição para a vida. Viver com intensidade. “É preferível morrer de peste do que de mediocridade”⁸. Fazer da vida um querer, uma vontade de potência. “Conhecer: isso é prazer para quem tem o querer do leão! Mas quem se cansou, será apenas o objeto do

⁵ Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, pp. 190-191.

⁶ Sêneca. *Aprendendo a viver*. Tradução de Lúcia Sá Rabello. Porto Alegre, L&PM, 2009, pp. 116-117.

⁷ Michel Foucault. *A história da sexualidade III: uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, p. 54.

⁸ Edson Passetti. “Abolicionismo penal, medidas de redução de danos e uma nota trágica” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol/PUC-SP, n. 7, 2005, p. 79.

querer. (...) Querer liberta: pois querer é [inventar]. E somente para [inventar devemos] aprender. (...) [Ninguém] quer subir no barco da morte! Então como pretendem estar *cansados do mundo?*"⁹

Parte II

Cena 3: Poder de *causa* a vida

O exercício do poder soberano sobre os súditos era marcado pelo *confisco* de bens, serviços, coisas e, no limite, da vida. O direito de *causar* a morte ou *deixar* viver era condicionado à defesa do soberano e à sua manutenção enquanto tal.

Entretanto, no século XVII, esse velho direito de subtração passa ser substituído por um poder com efeitos de majoração, de *causar* a vida ou *devolver* à morte. Não se trata mais da questão jurídica relacionada à existência do soberano, mas de um poder que gere a vida. Está em jogo a garantia da vida do corpo social, como mantê-la e desenvolvê-la.

Cena 4: A lepra e a peste

Essa passagem da soberania para a introdução das disciplinas – sem que ocorra a substituição de uma pela outra, caracteriza uma *metamorfose*, de transposições e justaposições – marcada por dois modelos de organização médica.

Na Idade Média prevalecia o modelo da lepra. O leproso era posto para fora dos muros das cidades, do espaço comum. Este mecanismo de exclusão consistia em dispor o leproso para fora do espaço urbano por meio do internamento em hospitais gerais.

⁹ Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, pp. 192-197.

No entanto, a partir do século XVII e início do XVIII, outro modelo passa a ser preponderante, o da peste. Não se trata mais da exclusão enquanto purificação do espaço comum, mas do policiamento da cidade. Trata-se de um exame perpétuo sobre a população para demarcar suas regularidades por meio da avaliação de cada indivíduo. É uma tentativa de maximizar a vida e a força, constatar o estado de saúde de cada um.

Cena 5: Cemitérios

Michel Foucault em “O nascimento da medicina social”¹⁰ apresenta o Cemitério dos Inocentes, localizado em Paris no século XVIII, onde os cadáveres de pessoas que não tinham dinheiro o suficiente para serem enterradas em túmulos individuais eram empilhados, os corpos em decomposição se espalhavam, provocando doenças e pânico. “Esse pânico é característico deste cuidado, desta inquietude político-sanitária que se forma à medida em que se desenvolve o tecido urbano”¹¹.

Passa a se desenvolver necessita de uma série de investimentos na higiene pública que, de acordo com Foucault, se traduz no aperfeiçoamento do esquema político-médico atribuído à peste. Essa organização sanitária das cidades tem como desdobramento a emergência da medicina urbana, introduzindo métodos de hospitalização, controle e vigilância.

A cena se encerra com um trecho do Beckett em *Primeiro amor*: “Pessoalmente, não tenho nada contra os cemitérios, passeio neles com prazer, com mais prazer do que em outros lugares. (...) O cheiro dos cadáveres, que sinto nitidamente sob o cheiro da relva e do humo, não me desagrade. Talvez um pouco doce demais, um pouco estonteante, mas como é preferível ao dos

¹⁰ Michel Foucault. “O nascimento da medicina social” in *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979, pp. 79-98.

¹¹ Idem, p. 87.

vivos, das axilas, dos pés, das bundas, dos prepúcios cerosos e dos óvulos desapontados. (...) Por mais que eles se lavem, os vivos, por mais que se perfumem, eles fedem”¹².

Cena 6: Saúde e mercado

Essa medicina urbana que despontou na segunda metade do século XVIII, solidificou-se no século XX como um campo de intervenção médica não apenas vinculada às doenças, mas também para assegurar a saúde de cada indivíduo, por meio do investimento em regime urbanístico, salubridade da água, saneamento básico e condições de moradia.

A medicina se introduziu no mercado tornando-se objeto de lucro, produzindo diretamente riquezas. Não apenas gerando força de trabalho, mas dando origem a uma nova indústria, convertendo a saúde em produtos para o consumo.

Cena 7: Parasita

A indústria farmacêutica tem como fonte de lucro a saúde dos outros. Não somente a indústria farmacêutica, mas os *parasitas*, enriquecem-se a partir da fragilidade e fraqueza de cada um. “Parasita: é um verme rastejante, insinuante, que quer engordar em nossos cantos enfermos e feridos. E *esta* é sua arte, adivinhar, nas almas que sobem, os pontos em que se acham cansadas: em nosso desalento e mau humor, em nosso delicado pudor ele constrói seu ninho nojento (...): o parasita habita onde o grande tem pequenos cantos feridos.”¹³

¹² Samuel Beckett. *Primeiro amor*. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo, Cosac Naify, 2004, p. 02.

¹³ Friedrich Nietzsche. *Assim falou Zaratustra*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 199.

Parte III

Cena 9: Saúde por procedimentos

Saúde enquanto direito adquirido também se tornou um intrincado serviço estatal. Nesta cena, lançamos mão de poemas de Francisco Alvim para apresentar a burocracia nos atendimentos, procedimentos e a falta de preparo dos hospitais públicos. Também recorremos a uma nota registrada pelo Nu-Sol na *flecheira libertária*¹⁴ para escancarar a saúde por procedimentos e o descaso com moradores de ruas que param nas portas dos hospitais.

Cena 8: Poliomielite e Cena 10: AIDS

Nessas cenas apresentamos duas doenças que marcaram a segunda metade do século XX. A cena da Poliomielite foi extraída do livro *Nêmesis* de Philip Roth que relata a preocupação com o desconhecimento sobre as causas da doença que atingia principalmente crianças e em como conter a sua disseminação. A Poliomielite é “uma doença capaz de causar paralisia, deixando uma criança aleijada para sempre ou incapaz de respirar fora de um cilindro de metal conhecido como pulmão de aço. Isso quando a paralisia dos músculos respiratórios não levava à morte”.¹⁵

Desconhecia-se a fonte do contágio gerando inúmeras suspeitas e uma série de prescrições comportamentais para as crianças: não pegar livros emprestados nas bibliotecas; não utilizar banheiros e bebedouros públicos; não dividir garrafas e comidas com os amigos.

¹⁴ *Flecheira Libertária* são comentários semanais do Nu-Sol sobre pessoas, coisas e o planeta. Esta flecha foi lançada na edição 200, em 19 de abril de 2011, ver: <http://www.nu-sol.org/flecheira/pdf/flecheira200.pdf>.

¹⁵ Philip Roth. *Nêmesis*. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 13.

A cena da AIDS é dividida em dois movimentos. No primeiro, apresentamos um relato que mostrava a dificuldade em lidar com a emergência da doença na década de 1980. Os gays foram identificados e localizados enquanto *grupo de risco*, portadores do chamado *câncer gay* ou *peste gay*. Entretanto, houve outras formas de contaminação, por transfusão de sangue, compartilhamento de seringas e no tratamento dos hemofílicos.

Um dos efeitos conservadores da AIDS foi o investimento no chamado sexo seguro, com práticas monogâmicas, restauração da família e lutas por aquisição de direitos referidos ao macho hétero. “O sexo não está mais excluído, deve estar incluído, transitar livremente, desde que pacificado e policiado, como se fosse possível cessar a transgressão, o que permanece surpreendente, o susto. Espera-se tolerar o que for possível acomodar, identificando e combatendo os outros, os monstros”.¹⁶

No segundo momento, a cena foi extraída do livro *Só garotos* de Patti Smith, no momento em que, seu companheiro, o fotógrafo Robert Mapplethorpe, descobriu que estava com AIDS. Mapplethorpe faleceu no dia 9 de março de 1989, e somente 20 anos depois Patti Smith conseguiu expressar seus últimos momentos juntos.

Na finalização da cena utilizamos trecho de depoimento da coreógrafa Pina Bausch seguido da dança de Talita Vinagre e Joana Egyto: “Há instante, porém, em que perdemos totalmente a fala, em que ficamos pasmos e perplexos, sem saber para onde ir. É aí que tem início a dança e por razões inteiramente outras, não por razões de vaidade. (...) Não se trata de arte,

¹⁶ Edson Passetti. “Segurança, confiança e tolerância: comando na sociedade de controle” in *Revista São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, São Paulo Perspectiva, v. 18, n. 1, 2004.

tampouco de mero talento. Trata-se da vida e, portanto, de encontrar uma linguagem para a vida”.¹⁷

Cena 11: Práticas não discursivas

As práticas não discursivas, que eram desprezadas pelo saber médico, hoje são apropriadas na elaboração de novas práticas medicinais. As receitas caseiras desde chás até tratamentos com pinga não possuíam estatuto científico. Esses saberes insurrecionais foram incorporados ao mercado e atualmente, investe-se em pesquisas na Amazônia para descobrir as propriedades das plantas para fabricar novos fitoterápicos.

Em nome da chamada *qualidade de vida*, criou-se uma nova linha de produtos *mais saudáveis*, com menos açúcares, calorias, gorduras, etc.. A comercialização destes produtos está vinculada a uma conduta de vida. Encerramos esta cena com a leitura do *Boicote ao light* de Hakim Bey: [Conclamamos] “um boicote de todos os produtos comercializados sob a senha de LIGHT – cerveja, carne, doces, cosméticos, música, o que for. O produto ‘natural’, ‘orgânico’, ‘saudável’, é designado para um setor do mercado constituído por pessoas levemente insatisfeitas que apresentam um quadro mediano de horror do futuro e possuem uma aspiração mediana por uma autenticidade tépida (...) o que é LIGHT não foi feito para primitivos pobres e famintos que ainda consideram comida nutrição e não décor. (...) Não vamos azucriná-los com mais um prescrição para a saúde perfeita (só os mortos têm saúde perfeita) (...) O excesso nos cai perfeitamente. (...) Mantenhamo-nos longe

¹⁷ Pina Bausch. “Dance, senão estamos perdidos” in *Folha de S. Paulo. Caderno Mais!* São Paulo, 27 de agosto de 2000.

de todo dogmatismo. Que o caçador de uma tribo indígena americana possa alimentar sua alegria com um esquilo frito”.¹⁸

Cena 12: Arroz japonês

Diante do investimento em uma nova alimentação para uma vida mais longa e saudável, apresentamos outro jeito de lidar com a comida por meio do relato do anarquista Osugui Sakae e sua relação com o arroz japonês quando o saboreou ao sair da prisão de Tóquio.

Esta é uma cena que sinaliza para a crítica anarquista às prisões e já aponta para o que aparecerá no percurso da aula-teatro, que são os anarquistas e como estes lidam com a saúde.

Parte IV

Cena 13: Escrever

Iniciamos a quarta e última parte com a literatura enquanto uma saúde. Não uma saúde de diagnósticos e receituários médicos, “a literatura aparece, então, como uma saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro... mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provêm do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis. Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados”.¹⁹

¹⁸ Hakim Bey. *CAOS: terrorismo poético e outros crimes exemplares*. Tradução de Patricia Deceia e Renato Resende. São Paulo, Conrad, 2003, pp.73-75.

¹⁹ Gilles Deleuze. “A literatura e a vida” in *Crítica e Clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997, pp. 13-14.

Cena 14: Práticas anarquistas

Essa cena apresentou práticas anarquistas no início do século XX: a biblioteca pública realizada por Avelino Fóscolo no interior de Minas Gerais; a primeira Universidade Popular de Ensino Livre da América Latina no Rio de Janeiro, onde o anarquista baiano Fábio Luz ministrava o curso de Higiene Social; a escola anarquista La Ruche, na França, em inventam-se outras relações entre crianças e adultos.

Essas experiências anarquistas eram contraposicionamentos diante da sociedade disciplinar – apresentada na primeira parte da Aula-teatro –, não desconheciam os riscos advindos de seus embates. Se o investimento na vida era em corpos úteis e dóceis, a luta anarquista levava a vida ao pé da letra e a voltava contra o sistema que tentava controlá-la. “A vitalidade anarquista [explicita] a urgência da vida livre de governo superior, ou ainda, a vida liberada de ser governada. Tal atitude foi e é uma saúde”.²⁰

Cena 15: *Salud*

O escrito George Orwell, *Lutando na Espanha*, apresenta a Revolução Espanhola e como os anarquistas preocupam-se tanto com a coletivização da produção como com práticas corriqueiras: a abolição de formas de tratamento servis – *señor, don, usted*. Ao invés do cumprimento corriqueiro *buenos dias*, dizia-se *salud*.

Os anarquistas desconhecem fronteiras e limites territoriais. Suas práticas expandem-se pelo planeta tanto como propaganda pela ação como experiências de uma vida livre: “Os anarquistas, minoria demográfica, sempre viveram à beira da extinção. Praticamente em qualquer lugar do mundo, inclusive na

²⁰ Salete Oliveira. “Anarquia e dissonâncias abolicionistas in *Revista Ponto-e-vírgula*. São Paulo, Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, vol. 1, 2007, p. 159.

menor cidade, há ao mesmo um anarquista (...): pereba negra nos 360° graus do atlas".²¹

Cena 16: Saudação libertária

A última cena problematiza os anarquismos hoje. Diante da urgência na invenção de práticas por uma vida livre na sociedade disciplinar, hoje, os anarquistas permanecem vivos.

O cumprimento libertário *saúde* provavelmente advém do tempo em que a vida dos trabalhadores era mais curta, por isso a preocupação dos anarquistas com as condições de salubridade dos locais.

Os anarquistas não se preocupam com a saúde enquanto conservação ou um universal, mas enquanto possibilidades de invenções, de não deixar as coisas e a si mornos e quietos.

²¹ Christian Ferrer. "átomos soltos – a construção da personalidade entre os anarquistas no início do século XX" in *Revista Verve*. Tradução de Natalia Montebello, São Paulo, Nu-Sol, n. 5, 2004, p. 160.